

MODOS DE (RE)EXISTIR EM TEMPOS DE PANDEMIA: REFLEXÕES SOBRE O ESTÁGIO DOCENTE EM ARTES VISUAIS.

Nayara Joyse Silva Monteles

nayarajoyse@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/5682268854358613>

RESUMO

Este artigo tem como objetivo central refletir sobre o estágio supervisionado e as estratégias pedagógicas como modos de resistência e sobrevivência diante da pandemia ocasionada pela COVID-19. Nesse sentido, são abordados os impactos no ensino tendo como referência a experiência no curso de artes visuais nas modalidades a distância e presencial, isto levando em consideração a importância do lugar de fala. Como abordagem metodológica opta-se pela autobiografia, com intuito de atravessar as experiências e inquietações docentes geradas pela angústia de repensar o processo pedagógico diante de um contexto de perdas de pessoas queridas e da dor que afetou os discentes e as docentes. Diante deste cenário pedagógico de adequação ao ensino remoto emergencial, percebe-se a importância metodologias em artes visuais pautadas no afeto, com estratégias que reflitam as problemáticas atuais e reduzam as distâncias entre o eu e o outro.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial; Estágio Supervisionado Docente em Artes Visuais; COVID-19.

No momento de escrita deste artigo o Brasil conta com mais de 500.000 mortes ocasionadas pelo coronavírus. São perdas que sensibilizam e afetam a quem ouve diariamente os dados que aumentam e destrói famílias. Esses números representam pessoas queridas como: familiares, amigos de infância, estudantes, colegas, professores e professoras de artes visuais e de outras áreas de conhecimento, vizinhos, etc. Esses dados estáticos de mortos, que a cada dia aumentam, têm deixado-me perplexa diante da dor e do modo como fomos afetados na docência em artes visuais pela falta de um planejamento político de enfrentamento da pandemia que nos permita viver.

Transito entre as modalidades de educação presencial e a distância em artes visuais e percebo, por meio de conversas, que é impossível mensurar a dor diante deste contexto. Sim! Na pandemia instalou-se uma crise que perpassa pelo entendimento de como pensar o processo de ensino e aprendizagem em artes visuais diante das

constantes perdas. Paralela a essa situação percebo o quão a crise econômica têm nos afetado, pois tenho acompanhado o relato de estudantes que estão desempregados e sobrevivendo por meio de trabalhos temporários.

Entre as problemáticas perceptíveis e relatadas constantemente por estudantes: perdas de pessoas queridas; desemprego; dificuldade de manutenção do custo de vida (alimentação e aluguel); dificuldade de manutenção das atividades do curso devido a falta de acesso a internet e de equipamento como computadores, etc. A pandemia escancarou o modo como as pessoas são afetadas devido ao quadro de assimetria econômica e social, no qual somente uma parcela da sociedade tem garantido de fato as condições para acesso à educação. Conforme a Constituição Brasileira (1988) no Artigo 205 “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” Nesse sentido, não trata-se de reduzir a importância do direito garantido de acesso à educação, mas de reforçar e refletir sobre a relevância de elaboração de mais políticas públicas que contribuam para que os estudantes tenham as condições necessárias para cursar as disciplinas que são ofertadas e permanecer até a conclusão da graduação, bem como de outros níveis educacionais.

Na pandemia, na condição de professora de artes visuais que atua na formação de professores e professoras da mesma área, tenho pensado todos os dias como promover ações pedagógicas na disciplina de estágio supervisionado que aproxime o e a estudante e que os faça refletir sobre a importância de (re)existir mediante este cenário caótico. Assim, pensar as estratégias de estágio supervisionado docente tornou-se um modo de olhar para a vida levando em consideração as necessidades do outro de ser e de estar no mundo. Além disso, tenho amadurecido o trabalho de mediação a partir do uso de plataformas digitais e aplicativos no processo de ensino e aprendizagem em artes visuais.

Destaco que no ensino superior o estágio supervisionado obrigatório, em ambas as modalidades, constitui-se por ser presencial e acompanhado por um supervisor da mesma formação em campo. Portanto, seguindo a normativa que orienta o estágio

supervisionado do curso, os e as estudantes do curso de licenciatura em artes visuais desenvolvem atividades de estagiários em sala de aula presencialmente, são acompanhados pelo professor e/ou professora da disciplina na educação básica, conforme o nível de ensino estabelecido e firmado com os e as discentes por meio da assinatura do termo de compromisso e plano de atividades que são desenhados visando atender as necessidades formativas e de atuação na área.

Dos questionamentos que surgem em decorrência desse cenário de dúvidas há dois que compartilho por entender que foram primordiais para pensar as estratégias apresentadas, são eles: quais estratégias podem favorecer o ensino e aprendizagem na disciplina de estágio supervisionado em artes visuais por meio do ensino remoto emergencial? Como desenvolver uma ação metodológica que leve em consideração o eu e o outro em meio ao contexto de pandemia?

No que concerne ao estágio supervisionado trata-se de uma exigência da LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 nos cursos de formação de docentes. Desse modo, considero importante pensar no estágio supervisionado como uma disciplina que está para além de um processo de burocratização do ensino e aprendizagem em artes visuais. Olho para esta disciplina como uma possibilidade de compreender como acontecem os trânsitos na docência em artes visuais, uma oportunidade de refletir sobre o percurso profissional e de vida, uma porta para perceber como se constroem as relações de saber e de afeto, sobretudo, como uma chance de entender-se como docente, cuja identidade não é fixa e que está sempre em construção e negociação. Nessa perspectiva, “[...] o estágio como campo de conhecimento significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supere sua tradicional redução à atividade prática instrumental.” (PIMENTA e LIMA, 2012, p.29).

A complexidade do estágio supervisionado decorre do fato de que trabalhamos com seres humanos, que são seres em incompletude e buscam sua completude diariamente em meio às constantes modificações que sofrem na vida. O ser humano é instável e imprevisível. Como professora não romantizo a educação, mas acredito no poder de transformação ocasionado na interação que acontece no processo educacional.

Nesta perspectiva, assim como Paulo Freire (1983, p.104) compreendo que “A educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem. Não pode temer o debate.”

Conforme salientam Pimenta e Lima (2012) sobre o estágio supervisionado:

Esse conhecimento envolve o estudo, a análise, a problematização, a reflexão e a proposição de soluções às situações de ensinar e aprender. Envolve experimentar situações de ensinar, aprender a elaborar, executar e avaliar projetos de ensino não apenas nas salas de aula, mas também nos diferentes espaços da escola (P. 55).

Concebo o estágio supervisionado como um estudo de caso complexo, como um espaço formativo que oferece aos estudantes experiências múltiplas. As reflexões acontecem diariamente, há um processo de afetamento que transforma as pessoas envolvidas. Segundo o que esboçam Almeida e Pimenta (2014) a educação possui um caráter social, uma propícia oportunidade de aproximar-se, em um primeiro momento, do contexto real. Por meio da atuação, observação em campo educativo, tem-se a possibilidade de compreender teoria e prática, assim como estas aproximam-se e se distanciam.

Com a decisão de retorno às aulas, suspensas na U*****, conforme Resolução - CONSUNI nº 18R/2020, inicia-se o planejamento para que as atividades fossem desenvolvidas atendendo o ensino remoto emergencial e respeitando o distanciamento físico. Observando as proposições adotadas por colegas de jornada acadêmica, discussões em torno desta modalidade educacional, compreendo que estamos caminhando para amadurecer a melhor maneira de trabalhar com as tecnologias de base digital e, sobretudo, de perceber a importância da adoção das mídias à educação de modo concreto. Todavia, esse é um caminho árduo, inclusive pelas dificuldades de acessibilidade. Além disso, considero importante pensar em uma ampla formação docente para esse trabalho pedagógico, pois não trata-se de utilizar a rede e os distintos espaços (plataformas e aplicativos) como repositório de conteúdo, sem interação e/ou dinâmica de ensino que favoreça a construção do conhecimento de modo colaborativo e coletivo. Desse modo, percebo um exercício mútuo, discentes e docentes, para compreender e se adaptarem a essa nova dinâmica de ensino de caráter emergencial.

Como modo de reforçar a substituição das aulas presenciais pelas remotas emergenciais, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) publica a portaria nº 343 de 17

de março de 2020 e o Conselho Nacional de Educação (CNE) lança um parecer favorável em 28 de Abril de 2020 com a retomada das aulas e com a proposição de reorganização do calendário que foi homologado pelo MEC. De modo efetivo as aulas são remotas na U***** no segundo semestre de 2020.

Diante do panorama educacional, como professora de artes visuais à frente da disciplina de estágio supervisionado neste contexto de pandemia, atentei-me às orientações institucionais de utilização do ambiente digital e tracei um percurso tentando atender as dinâmicas. Nos distintos espaços educacionais a realidade que apresenta-se nem sempre é favorável, isso independente da pandemia, todavia, em exercício docente os professores e as professoras continuam a desenvolver suas atividades e buscar alternativas de mediação como modo de (re)existir. Conforme expressam Filatro e Cavalcante (2019), é importante considerar que:

Estudantes e profissionais deixam o papel passivo e de meros receptadores de informação, que lhes foi atribuído por tantos séculos na educação tradicional, para assumir um papel ativo e de protagonistas da própria aprendizagem... como selecionamos a perspectiva mais adequada para a aplicação de metodologias ativas no contexto educacional em que atuamos? A resposta é o nível de autonomia que os estudantes possuem para aprender (P. 18 - 19)

Para desenvolvimento das ações de modo autônomo, fiz opções que permitissem ao estudante compreender seu percurso independente da minha presença no espaço, bem como lancei mão de distintas ferramentas disponíveis da rede. Nesse sentido, optei por transitar entre dois espaços como: ambiente primário, que corresponde ao espaço principal onde constam o planejamento, atividades, explicações, materiais disponíveis para leitura e ambiente para postagem das atividades realizadas pelos estudantes; Já o espaço secundário, um aplicativo de acesso rápido, utilizado para tirar dúvidas, prestar apoio e discutir sobre assuntos diversos que perpassa pelas dificuldades enfrentadas para realização das ações propostas. Assim, como espaço primário utilizei a plataforma Moodle e espaços secundário o Whatsapp. Deixei disponível o e-mail para que os estudantes enviassem mensagem, contudo, este foi menos utilizado.

Para que os e as estudantes estivessem conscientes de suas atividades a apresentação do planejamento e as discussões sobre o processo foram primordiais desde o início, bem como as mudanças necessárias no decorrer do percurso. Assim, trata-se da

apresentação de um percurso dialogado, nos qual os sujeitos tinham voz ativa na construção e/ou mudanças do plano de aula. Optei por realizar disciplina em que, de acordo com Fazenda (1992), todos eram parte da estrutura e agentes responsáveis pela dinâmica desenvolvida, todavia, o processo de familiarização não foi fácil e por vezes foi necessária uma avaliação diagnóstica para compreender a caminhada visando os objetivos.

Como modo de estabelecer diálogo com as escolas e compreender o cenário pedagógico diante do contexto da pandemia os e as estudantes foram divididos em grupos para observar como os e as professoras de artes visuais estavam trabalhando, perceber os processos metodológicos, como os e as docentes alternavam-se entre espaços distintos realizando o acompanhamento, a produção de material didático, o envio de atividades impressas e devolutivas.

Os relatos de experiências por parte dos estudantes estagiários foram realizados por meio de momentos assíncronos, utilizando ferramentas como o diário de bordo e envio de arquivo levando em consideração as orientações da narrativa no qual privilegia o olhar para o pedagógico em artes visuais com ênfase nos desafios e dificuldades. No que concerne às questões pedagógicas e a mediação por meio de tecnologia Edgar Moran (2006) esclarece há distintos modos de posicionar-se: mediador intelectual – que orienta no processo de escolhas das informações, ampliando o conhecimento; Mediador emocional – que orienta e estimula, incentiva e motiva o estudante; Mediador ético – trabalha a partir da perspectiva de valores, emocional e intelectual.

Há alguns pontos que sempre discutia com certa frequência na disciplina de estágio supervisionado: a importância da tolerância, a sensibilidade para perceber as dificuldades e olhá-las a luz do contexto contemporâneo, a relevância de colocar-se no lugar de escuta e ser constante aprendiz, cuja a identidade está sempre em transformação mediante as dinâmicas que são próprias da vida.

A negociação constante da temporalidade para realização das atividades propostas no ambiente primário foi uma constante devido a imprevistos que impactavam na produção acadêmica e na rotina dos e das estudantes. Isso evidencia a importância de reorganizar o tempo sem perder de vista o prazo final para desenvolvimento das

atividades avaliativas. Além disso, os estudantes tiveram que reaprender a lidar com o tempo, visto que as atividades e as tarefas domésticas faziam parte da vida de alguns. A rotina de casa entrou em choque com o tempo previsto para estudo, isso devido à dificuldade que alguns tinham de repensar suas rotinas na pandemia e disso se trata o exercício da autonomia: de escolhas frequentes.

Percebi que a melhor dinâmica para diálogo entre docentes supervisores e os estudantes é a criação de grupos no Whatsapp, isso para possibilitar uma aproximação e estabelecer uma relação direta entre ambos. A definição da carga horária para assistir as aulas síncronas ajuda no sentido de permitir aos estudantes organizarem-se e aos supervisores para compreender o período de acompanhamento das aulas para observação. Fiz a opção de participar dos grupos para realizar o acompanhamento das ações e saber quem efetivamente discutia e desenvolvia as atividades propostas. Era neste mesmo grupo que os professores supervisores comunicavam as estudantes estagiários sobre: as turmas disponíveis para estágio, o dia da aula síncrona, o perfil de atividades desenvolvidas para cada turma, tirava dúvidas sobre as aulas, o impacto da pandemia nas aulas de artes visuais, o perfil da instituição e o PCC, etc.

Conforme previsto no plano de atividades, os estudantes estagiários tiveram a oportunidade de assistir aulas síncronas e, por meio deste contato com os discentes da educação básica, planejar uma aula levando em consideração as tecnologias de base digitais. Ao observar os planejamentos elaborados para realizar o feedback percebi que mesmo os estudantes da EaD e do presencial tinham dificuldades de pensar possibilidades pedagógicas síncronas e assíncronas a partir do uso de tecnologias, bem como estabelecer critérios avaliativos mediante o contexto.

Como desdobramento desta dificuldade foram realizadas discussões para amadurecer a utilização efetiva da tecnologia no trabalho pedagógico, assim como refletir sobre como as mídias podem favorecer a formação de sujeitos na educação básica. Pensar o ensino de artes visuais a partir da utilização das imagens refere-se, sobretudo, aos modos de ver e como visualizamos estas para pensar as pedagogias do ver a partir da diversidade visual. De acordo com Fernando Hernández (2007, p.22) é importante no ensino de artes visuais e da cultura visual orientar “[...] a reflexão e as práticas

relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intrasubjetivas de ver o mundo e a si mesmo.

Nesta perspectiva é importante frisar que as discussões sobre as metodologias visuais foram frequentes, inclusive como modo de instigar os e as estudantes de artes visuais em fase de estágio a refletir sobre a atuação docente e a criticidade no trabalho com imagens. Desse modo, houve um denso processo de imersão na disciplina de estágio que fez com que os estudantes repensassem as escolhas das imagens levando em consideração o cenário contemporâneo. Segundo Irene Tourinho (2011) no que diz respeito ao ensino de arte a partir dos estudos da cultura visual nota-se que:

A cultura visual assume que a percepção é uma interpretação e, portanto, uma prática de produção de significado que depende do ponto de vista do observador/espectador em termos de classe, gênero, etnia, crença, informação e experiência sociocultural. Assim, os objetos de estudo e produção incluem não apenas materiais visuais tangíveis, palpáveis, mas, também, modos de ver, sentir e imaginar através dos quais os artefatos visuais são usados e entendidos. (P. 06)

Partindo da perspectiva de ver diante da pandemia vi surgir, após o processo de reelaboração do planejamento por parte dos estudantes, isto depois dos feedbacks, propostas com imagens que refletiam a pandemia a partir da arte, abordagens críticas que permitiam uma imersão no contexto sociocultural, proposições pedagógicas que possibilitam interpretações diversas dos sujeitos levando em consideração a si e ao outro diante da crise ocasionada pela COVID-19.

Para as discussões e proposição das atividades utilizei-me de ferramentas e estratégias como: Fórum de discussão coletivo que permitam uma discussão sem hierarquia, no qual eu tinha a oportunidade dialogar com os estudantes estagiários e eles entre si; Envio de arquivo único baseado na leitura que visou refletir sobre o ensino diante deste contexto de pandemia; Questionário com perguntas que visou uma reflexão sobre as metodologias visuais; Diário de bordo, que possibilitou o relato de experiências levando em consideração o campo; Fórum de individual visando a elaboração de planejamento pautado no contexto, bem como a revisão. Este espaço permite com que todos e todos pudessem aprender com as distintas propostas e sugestões dadas via feedback; Fórum de dúvidas, que permitia o compartilhamento de dúvidas referentes a aspectos técnicos,

conceituais, metodológicas da disciplina e da área de ensino de artes visuais, etc; Utilização do *google meet* para encontros síncronos objetivando discutir questões pontuais da disciplina e disponibilização das gravações; Realização de encontro síncrono com os professores supervisores e professoras supervisoras para que os estudantes apresentassem o plano de aula possibilitando maior interação entre estes e estas; Utilização do diário de bordo com referência para desenvolvimento do relatório; Disponibilização do *WhatsApp* com intuito de criar um espaço de escuta diante do contexto da pandemia.

Saliento que as ações descritas acima são algumas das estratégias que utilizei-me diante desse contexto de pandemia ocasionada pela COVID-19. Desta experiência surgem aprendizagens de pensar o ensino de arte a partir da utilização de tecnologias digitais, levando em consideração as dificuldades que provêm de cenário caótico. Além disso, observo que é possível pensar em um percurso pedagógico em estágio supervisionado docente pautado na escuta, na relação de afeto e na construção do saber de modo dialogado.

Ainda não tenho clareza do que define o ensino remoto emergencial, sobretudo pelo fato de que este surge como uma medida de emergência para dar continuidade ao semestre letivo nos distintos níveis de ensino. Desse modo, considero importante olhar com cautela para o modo como as disciplinas estão acontecendo e como os professores e professoras de distintas áreas estão se desdobrando para trabalhar neste cenário de pandemia.

Atuar como professora na disciplina de estágio supervisionado, em meio a crise na educação ocasionada pela COVID-19, fez perceber que é importante buscar formas de (re)existir. Destaco que assim como os discentes, sinto-me afetada e vivencio momentos de incertezas ao pensar como atravessar essa circunstância. A partida de pessoas queridas devido ao coronavírus instigou-me a pensar em um processo pedagógico em artes visuais sensível, pautado no afeto e na produção de sentido levando em consideração a situação contemporânea e o outro.

Não posso deixar de destacar que a experiência com a educação a distância e a afinidade com as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) favoreceu-me

no sentido de pensar as estratégias. Todavia, o contexto e o estado emocional de todos e todas e o desenvolvimento de todas as atividades de modo remoto apresentam-se como fatores a serem levados em consideração, pois disso trata-se o estágio supervisionado docente: refletir sobre a vida, amadurecer a docência em artes visuais, aprender com os desafios do campo, analisar as perspectivas pedagógicas diante das dificuldades, etc.

Desse modo, o estágio supervisionado em artes visuais é uma oportunidade de aprender, mas também de olhar para si e ponderar: quem sou? Quem almejo ser como professora de artes visuais? Como desejo posicionar-me diante das dificuldades que apresentam-se no mundo e na sala de aula? Quais marcas esta experiência deixa em mim? Como (re)existir diante da crise ocasionada pela COVID-19? A experiência de estágio não consiste somente em falar o que cada pessoa percebe ao observar o outro, mas pensar a si, sujeito em constante processo de formação e imerso em contextos como o que apresenta-se hoje.

Estou me refazendo, repensando-me como professora de artes visuais, buscando alternativas de existência e resistência por meio do ensino. Por vezes, na condição de ser humano, minha vontade é parar em meio a tanta tristeza e dor, contudo, encontro forças para continuar diante do luto. A docência, desse modo, tem sido meu refúgio, pois vejo no planejamento de uma aula um processo poético que permite o encontro comigo e com o outro por meio dos detalhes e das escolhas que são tecidas. Realço, que não almejo com esta narrativa reforçar que existe uma abordagem metodológica que seja replicável diante deste contexto. Desse modo, defendo a importância de se pensar em metodologias levando em consideração os distintos contextos e sujeitos em processo de formação.

Por fim, destaco que ainda tenho muito a aprender e que em meio a crise ocasionada pela pandemia encontrei algumas abordagens pedagógicas que permitiu-me trabalhar próxima ao discente, bem como compartilhar minhas inquietações. Ressalto que as dúvidas expostas neste artigo ainda devem me acompanhar por um longo período, sobretudo, com intuito de compreender as reverberações da crise ocasionada pela COVID -19 no ensino de artes visuais e, mais especificamente, no estágio supervisionado docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria I.; PIMENTA, Selma G. **Estágios supervisionados na formação docente**. São Paulo: Cortez, 2014.

FAZENDA, I. C. **A integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** São Paulo: Loyola, 1992.

FILATRO, Andrea; CAVALCANTI, Carolina Costa. **Metodologias inovativas na educação presencial, à distância e corporativa**. São Paulo: Saraiva, 2019

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. 14ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da Cultura Visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007

LEI Nº 9.394 de 1996. Leis de Diretrizes e Bases - LDB.. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein>. Acesso em: 5 de Junho de 2021.

MORAN, José M. **Ensino e Aprendizagem Inovadores com Tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

PORTARIA Nº 343 de 17 de MARÇO de 2020. Ministério da Educação e Cultura (MEC). Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 11 de junho de 2021.

PARECER CNE/CP Nº 9/2020. Conselho Nacional de Educação (CNE). Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14511-pcp005-20&category_slud=marco-2020-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 11 de Junho de 2021.

PIMENTA, Selma G.; LIMA, Maria S. L. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2012.

RESOLUÇÃO - CONSUNI Nº 18R/2020. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/90/o/Resolucao_CONSUNI_2020_0018R_%281%29_%281%29.pdf

TOURINHO, Irene. *Cultura Visual e escola. Salto para o Futuro Ano XXI Boletim 09 - Agosto 2011*. Disponível em: <http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/14380009-CulturaVisual.pdf> Acesso em 08 Julho de 2021.

SOBRE A AUTORA:

Possui Doutorado em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (UFG), mestrado em Arte e Cultura Visual pela UFG, graduação em Licenciatura em Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Atualmente é professora substituta no curso de artes visuais – licenciatura, na Faculdade de Artes Visuais/FAV da UFG.